

1.2 Dimensão formativa da experiência: importância e possibilidades da sua sistematização¹

Organizado por: Vera Joana Bornstein

Por que falar da experiência de cada um de nós?

A educação popular traz a experiência de vida e de trabalho das pessoas como ponto de partida para a construção de novos saberes. Todos nós temos conhecimentos que vão sendo adquiridos ao longo de nossas vidas. Portanto, como dizia Paulo Freire, ninguém está vazio de conhecimentos. Por outra parte, como as experiências e oportunidades são diversas, também os saberes são diversos: “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (Freire, 1987, p. 68). Entretanto, não podemos ser ingênuos e nos limitarmos aos saberes adquiridos a partir da experiência, sem reflexão crítica. Os “saberes de experiência feitos” (Freire, 1996) devem ser analisados, pensados, refletidos tanto individual quanto coletivamente, e é o conhecimento construído a partir desta reflexão crítica do fazer que fundamenta as ações educativas que o curso quer estimular. Nesse sentido, as reflexões que esperamos produzir são aquelas relacionadas às experiências vividas no mundo do trabalho.

Esse movimento de ação-reflexão-ação produz um aprendizado riquíssimo para os sujeitos que o constroem e é também uma oportunidade de aprendizado para outros atores sociais. Por isso, é fundamental que, ao contar nossa experiência, façamos um esforço para sistematizá-la.

Teorizar é fazer o pensamento funcionar de forma ordenada, coerente. [...] Relacionar os acontecimentos entre si e com as situações onde estão ocorrendo; selecionar o importante e o secundário; ver as semelhanças e diferenças; o específico e o global; penetrar as aparências procurando as contradições da ação.

Vemos a teoria como aquilo que dá sentido à realidade específica, enquanto permite entendê-la por dentro, o seu funcionamento. Permite também entender as relações dessa realidade específica com a conjuntura mais ampla. E a dimensão histórica dessas relações: como era antes e como está sendo agora. (Falkembach, 1991, p. 8)

Durante o Curso de Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde, vamos trabalhar em vários momentos com base na experiência dos educandos, aprofundando a análise. Então, é importante que desde o primeiro encontro comecemos o processo de sistematização.

¹ Este texto tem como base o caderno 1 da série Educação Popular, intitulado *Sistematização*, de Elza Falkembach.

O que é sistematização?

A sistematização é um processo de produção do conhecimento que se dá a partir da experiência. Se a experiência é coletiva, é importante que esta sistematização se dê também de forma coletiva, contando com a participação dos diversos agentes dessa prática.

Falkembach afirma que a sistematização:

Recupera o que as pessoas sabem da sua experiência. Registra os acontecimentos e as interpretações que estes sujeitos têm sobre eles [os acontecimentos]. Cria espaço para que essas interpretações sejam discutidas. Procura localizar as contradições e enfrentá-las. Procura ver as relações entre os acontecimentos, reflete sobre o comportamento e evolução dos mesmos. Situa a experiência vivida num plano maior. Transforma a própria experiência em objeto de estudo. Com isso vai havendo uma aproximação de conceitos entre os agentes da prática e, ao mesmo tempo, aprofunda-se o conhecimento do contexto onde ele se realiza. (Falkembach, 1991, p. 11)

Quais os objetivos da sistematização?

A partir do que foi dito anteriormente, podemos perceber que a sistematização de experiências parte da prática, buscando contextualizá-la e refletir sobre ela, localizando as contradições e os problemas enfrentados ou por enfrentar, e possibilitando a transformação da própria experiência.

Com as ideias mais claras sobre estas questões, os caminhos que a prática deve seguir ficam também mais claros. A sistematização realimenta a prática.

A sistematização possibilita, ainda, a socialização do saber. A comunicação das experiências de educação e ação social entre os grupos, para que os erros e os acertos de uns sirvam de aprendizagem também para outros. (Falkembach, 1991, p. 13)

A sistematização também permite a identificação das fragilidades e das necessidades de ampliação do nosso conhecimento.

Quem sistematiza?

É importante que todos aqueles que participaram da experiência a ser sistematizada estejam envolvidos na reflexão, mesmo que exista um grupo responsável pela coordenação desse processo.

De todo modo, é fundamental ter registros do processo à medida que o grupo vivencia a experiência. Podem existir diferentes interpretações para os fatos, por isso é importante discuti-los e, se necessário, também registrá-los.

Como sistematizar nossa prática?

PREPARANDO A SISTEMATIZAÇÃO

Uma vez discutida, em pequenos grupos, a importância da sistematização das experiências, vamos apresentar alguns passos para nos guiar.

I – Caracterizar a experiência

Inicialmente devemos retomar as experiências relativas aos projetos vividos nas práticas de educação em saúde, revendo seus objetivos, sua metodologia, a participação de seus agentes, os problemas e contradições que vêm dificultando o seu desenvolvimento. O objetivo é promover coletivamente uma reflexão crítica dos relatos.

II – Definir o foco da sistematização

Depois dos relatos, é importante definir o objeto da sistematização, pois dificilmente vamos analisar toda uma prática social. “A sistematização não é uma descrição exaustiva da experiência. Precisamos decidir sobre quais dimensões da nossa prática vamos nos deter em nossa reflexão e análise” (Falkembach, 1991, p. 18). O eixo central da sistematização deve estar composto pelas principais preocupações teórico-práticas relacionadas ao objeto que está sendo analisado. Por exemplo, em relação às práticas educativas é importante refletir, principalmente, acerca do jeito de fazer, isto é, como a atividade foi desenvolvida.

III – Apresentação dos resultados

Antes mesmo de iniciar a sistematização é importante pensar como apresentar seus resultados, pois a maneira de apresentá-los vai organizar seu registro. Para apresentar os resultados da sistematização, pode-se escolher um ou mais formatos: um texto, um folheto, um vídeo, uma música, um esquete de teatro ou outros.

REALIZANDO A SISTEMATIZAÇÃO

I – Aprofundar alguns conceitos

É importante construir um marco conceitual que possibilite assegurar certa unidade de concepções entre os participantes da sistematização, no sentido de favorecer a análise e a produção conjunta do conhecimento. Se o objeto da sistematização são as práticas educativas, o marco conceitual para a reflexão crítica sobre elas é a educação popular.

II – Organizar as informações

Para que a análise da experiência acompanhe o processo desenvolvido, é importante definir os principais momentos que a compuseram. A informação sobre esses momentos pode ser organizada seguindo uma cronologia, e caso existam lacunas é possível programar a coleta de informações. Sobre as atividades educativas, os momentos podem ser, por exemplo, a escolha do tema, a definição do local e dos participantes, a forma de divulgação, a forma de avaliação, entre outros.

III – Recuperação do processo vivido

Este é o momento de reconstruir a história da experiência de forma descritiva, detalhando cada um dos principais momentos. Para isso será necessário consultar os registros que foram recolhidos. Também é importante incorporar os acontecimentos do contexto local ou nacional que influenciaram a experiência. Alguns dos elementos da prática que podem ser descritos são, por exemplo, como é a relação entre os participantes da experiência (profissionais de saúde, população, gestores), como os participantes se relacionam com o tema trabalhado, se só receberam informação ou deram contribuições a partir do que sabem, entre outros.

IV – Analisar a prática

Na análise da prática procuramos entender os principais problemas de cada momento e de toda a experiência, as contradições ou tensões, buscando entender suas causas. Precisamos levar em conta nessa análise o contexto mais amplo em que se situa a experiência.

V – Síntese das reflexões

Na síntese procuramos recuperar uma visão global da experiência analisada. A sistematização deverá ter como foco o eixo de análise definido inicialmente, buscando contribuir com o desenvolvimento da prática. Falkembach (1991) destaca a importância de revelar as afirmações e os questionamentos feitos a partir da análise crítica da experiência; os novos conhecimentos que foram proporcionados; e as frentes de reflexão a serem exploradas. Recorda ainda que não podemos extrapolar os limites de nossa experiência e do objeto da sistematização estudada, ou seja, não cabe fazer generalizações a partir desta sistematização.

VI – Conclusões

Trata-se aqui de fazer um balanço do processo de sistematização, analisando os objetivos que conseguiram e os que não conseguiram ser atingidos; quais contradições ou tensões detectadas puderam ser superadas e quais permaneceram; e por fim, quais são as recomendações e sugestões que podem ser feitas para práticas semelhantes.

SOCIALIZANDO E REALIMENTANDO A NOSSA PRÁTICA

Este é o momento de pensar em como incorporar à prática os ensinamentos proporcionados pela nossa reflexão e de “socializarmos o que foi aprendido, mostrando erros, acertos e pistas para superarmos e prevenirmos o não desejado e para reforçarmos as conquistas” (Falkembach, 1991, p. 29).

Referências bibliográficas

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. *Sistematização*. Ijuí, RS: Unijuí, 1991. (Educação Popular, 1).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.